

INDIVIDUALIDADE E PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO DE BAUMAN E NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

INDIVIDUALIDADE E PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO DE BAUMAN E NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Alvaro Marcel Palomo Alves¹

Afonso Henrique Iwata²

ALVES, A. M. P.; IWATA, A. H. Individualidade e pós-modernidade no pensamento de bauman e na psicologia histórico-cultural. **Akrópolis**. Umuarama, v. 25, n. 2, p. 131-137, jul./dez. 2017.

DOI: 10.25110/akropolis.v25i2.6398

RESUMO: O conceito de individualidade é amplamente discutido nas ciências humanas, perpassando várias disciplinas (Psicologia, Filosofia, Ciências Sociais, História, Geografia e Educação). O presente artigo tem como intuito investigar alguns aspectos desse conceito para Zygmunt Bauman na obra "Modernidade Líquida" e para autores da psicologia histórico-cultural. Primeiramente apresentamos como Bauman relaciona a individualidade com sua concepção de modernidade líquida, na sequência discutimos os pressupostos da concepção histórico-cultural de indivíduo e sociedade e por último concluímos pela comparação epistemológica entre os autores, examinando as possíveis aproximações e/ou distanciamentos entre eles.

PALAVRAS-CHAVE: Individualidade; Pós-modernidade; Psicologia Histórico-Cultural; Zygmunt Bauman.

ABSTRACT: The concept of individuality is widely discussed in human sciences, overarching several subjects (Psychology, Philosophy, Social Sciences, History, Geography and Education). The following article aims to explore some aspects of this concept to Zygmunt Bauman in his work "Liquid Modernity" and to authors of social-historical psychology. Firstly it will be presented how Bauman relates individuality with its concept of liquid modernity, following on discussing the assumptions of the cultural-historical concept of individual and society and finally conclude with an epistemological comparison between the authors, examining the possible convergences and/or divergences among them.

Keywords: Historical-Cultural Psychology; Individuality; Post-modernity; Zygmunt Bauman.

¹Psicólogo, mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência (UFPR). Doutor em Psicologia e Sociedade (Unesp-Assis) Professor Adjunto no departamento de psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PR).

²Graduado em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PR).

INTRODUÇÃO

Uma das formas de conhecer um período da história é por meio dos sistemas e instituições que o influenciam. Não existe um consenso em se nomear o fim do século XX de pós-modernidade. O termo pós-moderno é utilizado pela primeira vez em 1934, por Federico de Onis, num artigo publicado em uma antologia de poesia espanhola e hispano-americana. Em 1959 I. Howe o utiliza em um ensaio sobre "Sociedade de massas e ficção pós-moderna." Nos anos 1960 passa a ser utilizado com desenvoltura nos escritos literários, sendo que nos anos 1970 o termo é difundido na literatura, arquitetura, artes plásticas, dança, fotografia, música, cinema e demais teorias e práticas culturais e sociais. Em 1979, é publicada "A condição pós-moderna" por Jean-François Lyotard, inaugurando, a partir daí, o debate em torno do pós-modernismo que passa a ser, no início, aceito com mesclas de ódio e amor, sempre gerando muito polêmica. Em seu livro, Lyotard discute a função da narrativa como forma de legitimação dos discursos e procedimentos científicos, questionando, assim, os princípios universais e generalizáveis da ciência. Tanto a ciência, como o tecido social passam a ser vistos como fazendo parte de uma malha multiforme de jogos de linguagem, na qual o sujeito se dissolve.

De certa forma, o sujeito como instância reflexiva e apartada da sociedade seria uma invenção moderna. Aqui temos as figuras dos pensadores Descartes e Bacon no século XVII, Kant e os empiristas no século XVIII corroborando a concepção de sujeito como organizador das experiências. O movimento de "ser sujeito" é a ação racional autônoma e a *subjetividade* seria a dimensão intransferível e inalienável do movimento de ser sujeito.

A modernidade e suas pretensões iluministas emergiram identidades não totalizantes, indeterminismos de caráter econômico, político, sexual e uma grande crise nas certezas e caminhos baseados em estruturas, sejam econômicas ou psicológicas.

Já no campo do marxismo, temos as análises de Jameson (1995) e Harvey (1993). Estes autores enxergam no pós-modernismo sinais de patologia social, ou a expressão da clivagem entre ontologia e ser social. Harvey (1993) analisa questões como a vida urbana e a arquitetura, confrontando o paradigma liberal com o

paradigma marxista. A década de 1970 trouxe mudanças no tratamento dos problemas da vida urbana, como a reciclagem do lixo, a expansão do transporte urbano de massa e a reorganização dos parques industriais. Relata as preocupações decorrentes do crescimento das cidades e sua influência na qualidade da vida social das pessoas, bem como analisa as tendências das modas culturais de sentido artístico.

Traz, então, uma reflexão sobre a modernidade como uma época de verdades absolutas, planejamento racional de ordens sociais ideais e padronização do conhecimento e da produção, sendo que, em contrapartida a tudo isto surge o pós-modernismo, redefinindo o discurso cultural, questionando a universalidade das verdades e redirecionando as reflexões para a desconfiança nos valores e padrões pré-estabelecidos. O pós-modernismo assinala alterações significativas na maneira do sujeito se relacionar com as pessoas, com os objetos sociais e com ele mesmo, já que há a preocupação com a ética, com a política e com o meio ambiente, ressignificando os símbolos que caracterizaram a vida no século XX.

A pós-modernidade trouxe consigo mudanças drásticas na economia e na política, que por sua vez, alteraram radicalmente a forma das pessoas se relacionarem. A consequência dessa relação é presenciada em muitos países ocidentais e orientais. De fato, há uma predominância de autores (as) europeus e norte-americanos (as) nos estudos acerca da pós-modernidade, porque a própria modernidade nasce como um projeto europeu, relacionado ao iluminismo e à revolução industrial. Vê-se no indivíduo ocidental (e nos países capitalistas avançados orientais) certo sentimento hedonista, ao passo que se deseja cada vez mais a satisfação própria e a auto-realização, resultado de uma sociedade cada vez mais individualizada. Os problemas são pautados em necessidades individuais e os projetos que visam o bem coletivo não são mais comuns na contemporaneidade.

Procuramos no presente estudo apontar a concepção de individualidade nos estudos do sociólogo Zygmunt Bauman (2001), um dos principais estudiosos da pós-modernidade, com mais de vinte obras traduzidas para a língua portuguesa. À concepção deste, confrontamos a concepção de individualidade desenvolvida pela psicologia histórico-cultural, notadamente em Leontiev (1978; 1979). Ao final buscamos alterar

nativas ao pessimismo e à alienação posta na pós-modernidade como condição de existência psicossocial.

Bauman (2001) usa de uma metáfora para diferenciar a modernidade da pós-modernidade, sendo a primeira sólida e a segunda líquida. O autor designa solidez para a modernidade, pois esta é caracterizada pela estabilidade. Nesta, as noções de estado, política e relações sociais, são todas de certa forma previsíveis e duradouras, guiadas por instituições norteadoras. Já a pós-modernidade é tida como líquida, pois as relações outrora duradouras tornam-se voláteis, instáveis. O estado perde autonomia, as empresas desfrutam de liberdade e poder.

Observa-se na teoria histórico-cultural um viés diferenciado quanto ao termo individualidade. Para a teoria, a individualidade se remete ao indivíduo. Este é caracterizado por Leontiev como:

Um produto da evolução biológica cujo transcurso opera-se não somente no processo de diferenciação dos órgãos e funções, mas também de sua integração, de seu "ajuste" recíproco. [...] O indivíduo é antes de tudo uma formação genotípica. Mas o indivíduo não é apenas isso, sua formação é contínua - como é sabido - na ontogênese, durante o curso da vida. Por isso, na caracterização das mesmas que se formam ontogeneticamente. (SILVA apud LEONTIEV, p. 136).

Neste contexto, o indivíduo é produto de uma ontogênese e uma filogênese, ou seja, é primeiramente constituição de sua herança biológica, dotada de um sistema nervoso e dinamicidade das necessidades biológicas, mas que é moldado quando exposta a um meio social, passando então a ser também produto da integração com outros indivíduos. O termo "individualidade" passa a ganhar maior notoriedade no Brasil com estudos de Duarte (1996), entendida então como as características naturais do indivíduo que possibilitam o desenvolvimento da singularidade e de seu psiquismo.

Para Duarte (1996) existem duas categorias de individualidade. A individualidade em-si é caracterizada, principalmente pela alienação, esta, produto do capitalismo; e a individualidade para-si, expressada como "(...) uma tendência na formação do indivíduo no sentido de uma relação cada vez mais consciente com a sua individualidade como síntese das condições particu-

lares da sua existência e da sua condição de um ser genérico" (DUARTE, 1993, p.135 -136). Neste sentido, se vê na transição da individualidade em-si, para uma individualidade para-si, um processo que permitiria ao homem uma maior consciência de si, de seu psiquismo.

Por um lado, se tem um processo histórico e potencialmente crescente de uma individualidade conseqüente da afirmação do capitalismo, e por outro, uma vertente psicológica que nota este processo de individualidade como conseqüência da alienação, e completa com uma possível resignificação do termo individualidade, por um viés de valorização do indivíduo e suas capacidades conscientes.

INDIVIDUALIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Em seu livro "modernidade líquida", o autor Zygmunt Bauman (2001) reflete sobre o período pós-moderno, e como este trouxe consigo drásticas mudanças tanto na economia, quanto na política, que por sua vez alteraram radicalmente a forma do homem se relacionar. Para tanto, o autor traça um paralelo histórico passando por uma transição da pré-modernidade para a modernidade, e da modernidade para a pós-modernidade.

Começando com o processo da pré-modernidade para a modernidade, o autor se refere à solidez de ambas as épocas, mas enfoca que o plano de uma sociedade moderna necessitava de uma solidez duradoura, o que não se encontrava na época pré-moderna. O plano primeiramente era acabarem com as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros, e as obrigações que imobilizavam a ordem econômica, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas (BAUMAN, 2001). Em outras palavras:

libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas (...) deixando restar somente o 'nexo dinheiro'. Por isso mesmo, essa forma de 'derreter os sólidos' deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar, nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios. (BAUMAN, 2001, p.10).

Este processo levou a progressiva libertação da economia dos seus embaraços polí-

ticos, éticos e culturais, tornando-a a base da vida social. Esta nova ordem econômica instalada veio a dominar as demais ordens políticas ou morais que outrora eram capazes de mudar ou reformar a nova ordem que se estabeleceu a ordem econômica. Não que a ordem econômica instalada tivesse se perpetuado, e convertido a seus fins o restante da vida social, mas para Bauman "(...) essa ordem veio a dominar a totalidade da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito a implacável e continua reprodução dessa ordem. (BAUMAN, 2001, p. 11). O autor ainda afirma que

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas — os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (BAUMAN, 2001, p. 12).

Com isso, há uma notória mudança nas instituições, por exemplo, familiar. O núcleo familiar outrora bem estabelecido começa a se desintegrar. Portanto, essas instituições existentes, que eram referência e que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, passam a serem afetadas pela ordem econômica. Os indivíduos passam a ter novos modelos que, por mais que novos e aperfeiçoados, são ainda tão duros e indomáveis como sempre. Neste sentido, nota-se a transição de uma era de "grupos de referência" previamente determinados, estabelecidos por instituições, a outra de "comparação universal", onde a constante autoconstrução individual vai sofrer diversas alterações até seu fim, a morte. "Os poderes que liquefazem passaram do sistema para a sociedade, da política para as políticas da vida, desceram do nível "macro" para o nível "micro" do convívio social. (BAUMAN, 2001).

A observação de Bauman (2001) prossegue analisando, primeiramente, o projeto moderno e a modernidade que poderia se suceder. Para tanto, utilizou as previsões de autores como George Orwell e Aldous Huxley, dois estudiosos com visões discrepantes quanto ao destino do mundo e de seus habitantes. Enquanto um previa um mundo de miséria, escassez e

necessidade, com habitantes tristes e assustados, o outro pensava um mundo de abundância e saciedade com habitantes despreocupados e alegres.

Entretanto, o que merece atenção é o ponto que tangenciava as duas visões. Para os dois autores, os habitantes estariam fadados a um mundo estritamente controlado, cujas liberdades individuais seriam quase insignificantes, guiados por uma elite que manipularia as pessoas, estas treinadas a seguir um plano limitado. Ambos concordavam com a ideia de que este fim já era dado (BAUMAN, 2001).

O modelo de sociedade moderna é chamada pelo autor de modernidade sólida, esta seria pautada no controle e na dominação, tendo a ambivalência como inimiga. O projeto moderno visou a eliminação da ambivalência, porque seu projeto era a universalização dos valores e sobretudo do modo de produção. A ciência ao aderir à modelos de classificação e ordenação, pôs ordem no caos e na ambiguidade religiosa e metafísica, assim como os recém-criados Estados-nações operaram a produção de identidades nacionais estáticas e estruturais. Como ressalta Bauman (2001), ou você era de "dentro" ou de "fora" do país, da nação, do estado, e esta diferenciação entre o eu e o outro marca também o surgimento da categoria de indivíduo.

É compreensível que Tanto Orwell, quanto Huxley tenha essa visão quanto à liberdade humana, pois ambos escrevem numa época em que as grandes empresas capitalistas dominavam o mundo, separando o que era possível do impossível, o sensato do insano, delimitando e confinando a trajetória da vida humana. Bauman (2001) afirma que essa visão de sociedade era fortemente sustentada pelo modelo Fordista de industrialização, o qual pregava a regulação das expectativas e do comportamento contraditório individual aos princípios coletivos de um regime de acumulação, sendo o Fordismo o modelo de referência daquela sociedade moderna. Neste contexto, capital e administração estava junto sustentado por grandes fábricas e o maquinário pesado das indústrias. Esse sistema tinha fronteiras muito bem delimitadas para que não se pudesse atravessar. Na modernidade, como o fim já era dado, sabido, bastava então elaborar os meios para se chegar a este destino.

A transição desta modernidade, tida como principal precursor o capitalismo pesado, para a pós-modernidade, cujo capitalismo leve

era seu representante, abarca mudanças importantes que viriam a acontecer. A pós-modernidade passa a ser caracterizada pelo surgimento de diversas repartições, fazendo com que a questão dos objetivos e, portanto dos fins, estejam abertas novamente. Portanto, com o fim daquela suprema repartição que havia na modernidade, que cuidava da ordem e dos limites da humanidade deliberando o certo e o errado, o mundo se torna uma coleção infinita de possibilidades, de oportunidades umas mais tentadoras que as outras para os indivíduos (BAUMAN, 2001).

Neste mundo de infinitas possibilidades, poucas coisas são predeterminadas, e tudo passa a ocorrer por conta do indivíduo, portanto, "(...) cabe ao individuo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir — isto é, com a máxima satisfação concebível." (BAUMAN, 2001, p.74)

E tendo em vista que a escolha também é uma renúncia, optar por algo significa também "dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las" (BAUMAN, 2001, p.75). A infelicidade, portanto, derivaria do excesso de opções e não da falta de escolha. O efeito disso é a responsabilidade que recai sobre os ombros dos que escolhem, cabendo ao próprio indivíduo arcar com a consequência de suas escolhas. Assim, o autor diz:

(...) se ficam doentes, é porque não foram resolutos e engenhoso o bastante ao seguirem o regime de saúde. Se ficam desempregados, é porque falharam ao aprender as habilidades para se saírem bem numa entrevista, porque não tentaram com afinco ou porque estão, pura e simplesmente, envergonhados de trabalhar. Se não estão seguros a respeito de suas carreiras futuras e se angustiam quanto ao futuro, é porque não são bons o suficiente em fazer amigos e influenciar pessoas, e porque falharam em aprender como deveriam as artes da auto-expressão e de impressionar os outros. (BAUMAN, 2001, p.64).

Comparando a modernidade com a pós-modernidade. A modernidade era guiada por um capitalismo pesado no estilo fordista. Era o mundo dos que ditavam as leis, dos projetistas, e dos que obedeciam e seguiam o projeto. Um mundo o qual homens e mulheres eram dirigidos por outros, buscando fins determinados por

outros, do modo determinado por outros. Dessa forma, era também o espaço das autoridades. O capitalismo leve, amigável com o consumidor, não traz mais líderes, autoridades, todavia, aparecem figuras como os conselheiros, os quais servem de modelo para os indivíduos, e para solucionar os problemas da esfera privada dos mesmos (BAUMAN, 2001).

Com a individualidade, que passa a ser uma fatalidade, e não mais uma escolha, não há mais quem culpar se não o próprio indivíduo. Resta então à busca não mais por líderes, mas por exemplos que mostrem como os problemas são resolvidos. Esses problemas são, na maioria das vezes, particulares, e retratados sobre a mira de holofotes, afinal "(...) eles ouvem diariamente que o que esta errado em suas vidas provem de seus próprios erros, foi sua própria culpa e deve ser consertado com suas próprias ferramentas e por seus próprios esforços." (BAUMAN, 2001, p.84).

INDIVIDUALIDADE NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

A teoria histórico-cultural entende o ser humano como o resultado de uma filogênese e ontogênese. Neste sentido, a primeira diz respeito ao homem como consequência de um processo evolutivo, dotado de sistema nervoso central, genes e outras atribuições. Já o segundo se refere às características do homem como ser de uma história. Neste sentido, é de suma importância entender o conceito de objetivação para que se possa chegar ao indivíduo como é concebido para tal teoria.

A concepção de sujeito nesta teoria deve ser buscada na produção social do indivíduo, pois Marx (1989) já alertava para os perigos do idealismo na definição do humano. O problema do indivíduo na obra marxiana é extenso e excede os limites de um artigo, mas seus estudiosos apontam para crítica radical de Marx ao individualismo burguês e a necessidade de construção da efetiva individualidade, centrada na livre associação dos(as) trabalhadores(as). Então, buscar o indivíduo é buscar a liberdade dos grilhões da sociedade capitalista.

Refutando o idealismo do seu tempo, Marx (1989) defende que as ideias, os juízos e a consciência são condicionados pelo real, que nada mais é que a síntese das múltiplas determinações. Ser indivíduo nesta perspectiva é se

submeter a uma individualidade alienada, forjada nas relações de posse das mercadorias e mediada pelo dinheiro. A individualidade marxiana é indissociável das condições concretas de sociabilidade, ela é sobretudo, singularidade na genericidade. É somente na atividade social dos homens e mulheres que podemos encontrar o indivíduo concreto, sujeito e objeto da sociedade que habita.

Leontiev (1978) define a atividade como unidade psicológica, esta é ontologicamente relacionada ao conceito marxiano de trabalho. A atividade psicológica se realiza na sociedade, que é determinada pelas relações de produção. Não há atividade psicológica no “vazio” metafísico, e também não existe sujeito fora da história universal. Vigotski (1996) também afirma que a consciência é uma construção histórica baseada na evolução das funções psicológicas mediadas por signos. Este autor desenvolveu a teoria de que toda função psicológica é, primeiramente, interpsicológica, ou seja, exterior ao indivíduo, e que por meio da mediação dos signos, ela se torna intrapsicológica. Os signos são forma de comunicação e tem sua origem na vida social, exercendo na consciência o papel que as ferramentas exercem na natureza.

Avançando na compreensão da individualidade a partir do pensamento marxista, Duarte (1996) aponta o gênero humano como sendo uma existência objetiva, isto é, externa ao indivíduo. Essa primeira premissa é essencial para que se entenda posteriormente o conceito de individualidade, pois o autor entende que diferentemente dos animais, que possuem uma transmissão essencialmente biológica, o ser humano não se limita a isso, pois não contém em sua transmissão genética as características próprias da espécie, que nos distingue dos demais animais. Isso quer dizer que, as características do homem como pertencente a uma espécie, não são suficientes para que seja atribuído a ele o gênero humano.

Essa objetividade, que está para além da transmissão hereditária é, portanto, consequência de um processo histórico de objetivação da atividade dos seres humanos ao longo da história, que contribuíram para a sobrevivência da espécie. Neste sentido, o processo de constituição do seu *ser* perpassa necessariamente às objetivações genéricas pelas quais o ser humano se apropriou. Isso garantirá, posteriormente, seu “grau” de individualidade. Vale ressaltar que

a teoria não despreza o caráter biológico do ser humano, apenas foca as objetivações como fundamentais para o entendimento do gênero humano como um todo. (DUARTE, 1996).

A objetividade deve, então, ser compreendida como uma objetividade histórica e social. Neste sentido, as apropriações das objetividades que fazemos hoje, é fruto do produto de objetivações de gerações passadas. Neste sentido, o que garantirá a individualidade do ser, se encontra, principalmente na maneira como ele que irá se apropriar das objetivações, pois eles se encontram em âmbitos e níveis qualitativamente diferentes: “A história humana é ao mesmo tempo um processo de objetivação e de formação do gênero humano e esse processo acumula-se em produtos que são as objetivações genéricas.” (DUARTE, 1996, p. 141). Ou seja, tudo que é cabível de apropriação, seja a linguagem, por exemplo, que é fundamental para o desenvolvimento das demais habilidades, até as coisas mais complexas como a ciência, a arte, a filosofia, tecnologia, é produto da nossa história.

Portanto, todas essas objetivações citadas acima garantem este atributo fundamental que nos concede o gênero humano. Tendo em vista tal afirmação, e levando em conta que existem níveis de objetivações, estes fundamentais para que haja individualidade, conseqüentemente haverá diferentes graus de individualidade. Vale ressaltar que a apropriação está estreitamente vinculada com a alienação das relações sociais do período em que se estuda, pois a partir do momento que o homem é privado de se apropriar de uma objetivação, lá se encontra a alienação.

Duarte (1996) adota o conceito de Heller (1977) para dividir as objetivações genéricas em dois grupos, as objetivações genéricas em-si e as objetivações genéricas para-si. Assim, ele afirma

As categorias de em-si e para-si são tendenciais no sentido de que expressam tendências e não estados puros. Por exemplo, o processo histórico de formação das objetivações genéricas para-si significa uma tendência no processo de objetivação do gênero humano, isto é, a tendência no sentido de que os homens se objetivem conscientemente enquanto gênero, enquanto humanidade (DUARTE, 1996, p. 145).

Isso quer dizer que as categorias para-

-si são circunstanciais, e devem ser analisadas em um contexto sócio-histórico, pois elas se caracterizam por tornar o indivíduo cada vez mais consciente em relação ao gênero, criando um vínculo mais estreito com a individualidade.

Esclarecendo ainda mais, pode-se dizer que as objetivações genéricas em-si sempre existiram e que são imprescindíveis na constituição do gênero humano. Elas podem ser exemplificadas, por exemplo, por meio de caracteres fundamentais para a inserção do ser humano na sociedade, como a linguagem, os costumes, o uso de utensílios. Mesmo no início do processo de humanização, estas objetivações já se tornavam presentes em tais culturas. Neste sentido, as objetivações genéricas em-si constituem a esfera das genericidades em-si. A apropriação dessas formará indivíduos em-si. Esta etapa é fundamental para a os seres humanos, o empecilho está na estagnação de indivíduos em-si estabelecido pelo modo de produção capitalista.

Por outro lado, as objetivações genéricas para-si garantirão outro nível de individualidade, esta, entendida como mais próxima de sua humanidade, sua genericidade. Podem ser exemplificadas como objetivações genéricas para-si: as artes, ciência, moral, filosofia etc. Têm-se então uma individualidade para-si. Isso também não garante que este indivíduo não seja alienado, pois esta é uma condição da estrutura social, significa dizer que ele é capaz de ter uma relação consciente com esta alienação, e a partir disso agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva da teoria histórico-cultural, o indivíduo primeiramente reproduz uma hierarquia espontânea das atividades cotidianas estabelecidas socialmente, e que possui estreito vínculo com as objetivações genéricas em-si. Essas atividades, essenciais para que o indivíduo sobreviva em comunidade, estão diretamente ligadas com a produção do indivíduo em-si. A categoria das objetivações genéricas para-si, que permitiria o homem um contato consciente com sua vida passa só ser possível a partir do desenvolvimento humano e da apropriação das genericidades produzidas por ele. (DUARTE, 1996)

Duarte (1996) afirma a alienação como a expressão máxima do abismo existente entre as possibilidades concretas de desenvolvimento

genérico da humanidade e o desenvolvimento dos indivíduos singulares, pois estes estão submetidos a uma hierarquia de atividades caracteristicamente heterogêneas, tornando-as, portanto, espontâneas e mais suscetíveis a reprodução de uma ordem alienante.

Neste sentido, o processo formativo em-si, ocorre sob as formas de pensamento e ação do cotidiano, e é necessário para que o indivíduo interaja enquanto membro de uma sociedade. A alienação está na impossibilidade do mesmo indivíduo de se apropriar das objetivações genéricas para-si produzidas historicamente, sendo impossibilitado de maneira consciente, hierarquizar suas atividades. (DUARTE, 1996)

Conforme lembra Schuhli (2011):

Quanto maior for a alienação produzida pela estrutura econômica de uma sociedade, menor será, portanto, a margem de movimento individual em relação às formas de comportamento e pensamento da vida cotidiana. (SCHUHLI, 2011 p. 42).

A análise do autor Zygmunt Bauman (2001) a respeito da pós-modernidade é primeiramente de que, livrando-se da lealdade tradicional, os direitos costumeiros, e as obrigações, a empresa de negócios viu-se livre dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas, restando apenas o eixo econômico, deixando assim as complexas redes de relações sociais no ar, nua, desprotegida, desarmada e exposta. Com isso, o autor afirma que “o derretimento dos sólidos levou a progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais” (BAUMAN, 2001, p. 10). Sendo agora, a economia, a base da vida social.

O autor prossegue afirmado que a ordem econômica “veio a dominar a totalidade da vida humana, porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito a implacável e contínua reprodução dessa ordem.” (BAUMAN, 2001, p. 11). O julgamento do sociólogo corresponde em parte à crítica de Duarte (1996), pois o eixo econômico além de central na vida do indivíduo representa na contemporaneidade uma ordem implacável e de contínua reprodução, e tendo em vista que quanto maior a alienação produzida pela estrutura econômica de uma sociedade, menor será a possibilidade da individualidade

para-si em prol de uma conscientização, é possível observar na pós-modernidade uma reprodução ainda mais contundente da alienação.

Na análise do sociólogo, a pós-modernidade passa a ser caracterizada pelo surgimento de diversas repartições, fazendo com que a questão dos objetivos e, portanto dos fins, estejam abertas novamente. Portanto, com o fim daquela suprema repartição que havia na modernidade, que cuidava da ordem e dos limites da humanidade deliberando o certo e o errado, o mundo se torna uma coleção infinita de possibilidades, de oportunidades umas mais tentadoras que as outras para os indivíduos. (BAUMAN, 2001)

Bauman (2001) afirma que neste mundo de infinitas possibilidades, poucas coisas são predeterminadas, e tudo passa a ocorrer por conta do indivíduo, cabendo a ele descobrir o que é capaz de fazer, e escolher os fins que almeja, a fim da máxima satisfação possível. Em decorrência disso, encontra-se na pós-modernidade indivíduos cada vez mais sozinhos em seus projetos de vida. O efeito disso é a responsabilidade que recai sobre os ombros dos que escolhem, cabendo ao próprio indivíduo arcar com a consequência de suas escolhas. Assim, o autor diz:

Se ficam doentes, é porque não foram resolutos e engenhosos o bastante ao seguirem o regime de saúde. Se ficam desempregados, é porque falharam ao aprender as habilidades para se saírem bem numa entrevista, porque não tentaram com afinco ou porque estão, pura e simplesmente, envergonhados de trabalhar. Se não estão seguros a respeito de suas carreiras futuras e se angustiam quanto ao futuro, é porque não são bons o suficiente em fazer amigos e influenciar pessoas, e porque falharam em aprender como deveriam as artes da auto-expressão e de impressionar os outros. (BAUMAN, 2001, p.64).

Com a individualidade, que passa a ser uma fatalidade, e não mais uma escolha, não há mais quem culpar se não o próprio indivíduo. Resta então a busca não mais por líderes, mas por exemplos que mostrem como os problemas são resolvidos, esses problemas são na maioria das vezes particulares, e retratados sobre a mira de holofotes. Afinal, "(...) eles ouvem diariamente que o que está errado em suas vidas provem de

seus próprios erros, foi sua própria culpa e deve ser consertado com suas próprias ferramentas e por seus próprios esforços". (BAUMAN, 2001, p.84). Passa-se então a ter um ciclo vicioso de reprodução da alienação, que aparentemente pendula em torno de uma hierarquia de atividades cotidianas, fazendo com que elas se tornem centrais na vida do sujeito, sem uma perspectiva de mudança.

A pós-modernidade delineada por Bauman é fatalista e se comparada com a análise marxista se compara mais nihilista e sem projetos coletivos. É como se o período histórico fosse um sujeito e não um conjunto de forças materiais que culminam na produção de "um sujeito". Em Bauman temos um mundo acelerado, cheio de oportunidades, mas ao mesmo tempo hiperinflado, que culmina num excesso que leva ao vazio da experiência (como podemos visualizar na sua análise acerca do amor e do medo líquidos).

Para a psicologia histórico-cultural, o processo da individualidade para-si, é essencial para uma relação cada vez mais consciente com as formas pelas quais, subjetiva e objetivamente, o sujeito reproduz em sua vida, tanto a alienação quanto a humanização, num processo de superação das formas de produção e reprodução da alienação as quais já tomou consciência.

A teoria Marxista vê, de forma coletiva, a superação da alienação, e a conscientização seria o primeiro passo para uma mudança efetiva em função desta transformação. Todavia, a análise de Bauman na pós-modernidade é, além da individualidade, o derretimento dos elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas, têm-se então os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro, ou seja, um caminho igualmente oposto às proposições de Marx.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DUARTE, N. **A individualidade para-si (contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo)**. Campinas: Autores Associados, 1993.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São

Paulo: Loyola, 1994.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: **Desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.

LEONTIEV, A. N. **Atividade, consciência e personalidade**. Lisboa, 1979

MARX, K. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Tradução portuguesa do Inglês por Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.

SCHÜHLI, V. M. **A dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si: a catarse como categoria psicológica mediadora segundo Vigotski e Lukács**, Curitiba, 2011. Dissertação de Mestrado, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

INDIVIDUALIDADE E PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO DE BAUMAN E NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

RESUMEN: El concepto de individualidad es ampliamente discutido en las ciencias humanas, pasando varias disciplinas (Psicología, Filosofía, Ciencias Sociales, Historia, Geografía y Educación). El presente artículo tiene como objetivo investigar algunos aspectos de este concepto para Zygmunt Bauman en la obra "Modernidad Líquida" y para autores de la psicología histórico-cultural. En primer lugar presentamos como Bauman relaciona la individualidad con su concepción de modernidad neta, en la secuencia discutimos los presupuestos de la concepción histórico-cultural de individuo y sociedad y por último concluimos por la comparación epistemológica entre los autores, examinando las posibles aproximaciones y / o distanciamientos entre ellos.

PALABRASCLAVE: Individualidad; Pós-modernidad; Psicología Histórico-Cultural; Zygmunt Bauman.